

O EROTISMO E MACHADO DE ASSIS

Artur Eduardo Benevides

Poeta. Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará. Presidente de Honra da Academia Cearense de Letras e da Academia Fortalezaense de Letras. Membro da Academia Cearense de Retórica, da Academia Cearense da Língua Portuguesa e Príncipe dos Poetas Cearenses.

O escritor Jesus Antônio Durigan, em livro recente, destacou o erotismo contido na Missa do Galo, de Machado de Assis, em Macunaíma, de Mário de Andrade, em Desastres de Amor, de Dalton Trevisan, e em Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa (Erotismo e Literatura, Editora Ática, SP, 1985), não sendo despidendo mencionar outros autores, como é o caso de Assis Brasil, Nélida Piñon, Clarice Lispector e Fernando Gabeira, entre muitos. No caso de Guimarães Rosa, a atração de Riobaldo por Diadorim e a ambigüidade deste, jagunço bonito que se descobre, no fim, ser mulher, é um caso de homossexualismo, não tão forte como em O Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. Apenas na história de Rosa, Diadorim somente fascina Riobaldo, com seu mistério pessoal e suas feições tipicamente femininas.

Mas, que vem a ser erotismo? A esta pergunta, reiteradamente feita ao longo dos séculos, pelas múltiplas mudanças de comportamento e de visão do mundo, sobretudo no Ocidente, sempre ávido em problematizar os valores morais, o escritor mexicano e poeta Octávio Paz responde, num de seus belos livros: é a metáfora da sexualidade. Já no Dicionário de Aurélio o verbete traz o sentido de paixão amorosa e amor lúbrico, este sendo sinônimo de sensual e libidinoso.

Não sei se é tanto assim, mesmo porque o mesmo Dicionário dá ao adjetivo erótico a significação de tudo o que seja inspirado no amor ou tenha caráter de lirismo amoroso, embora advirta-nos para o fato de que ele também possa ter o sentido de lascivo. De modo geral, o erótico se liga ao desejo amoroso, constituindo uma tendência de se

ocupar do sexo em Literatura ou nas artes. Já o obsceno fere o pudor, é libertino, contrário à moral e sem qualquer decoro. É o pornô, ou a pornografia.

Não seria o erotismo, porém, um simples momento de exacerbação sensual, ou de afloração de concupiscência, com a descoberta, imprevista ou não, de motivos perturbadores, traduzidos depois, na Literatura ou nas Artes, sob o binômio verdade e beleza?

Vejamos, a vôo de pássaro, a incidência do fenômeno na cultura dos povos, bem assim a sua deformação mais grotesca — o pornô, sempre em voga nos finais de épocas ou no declínio de civilização.

A palavra vem de Eros, deus grego do amor, e a tendência de se expressar nas letras o que se relacionar com esse sentimento é muito antiga e, por vezes, trágica, como no caso de Édipo, de Fedra ou de Medeia. Ovídio, em Roma, escreveu uma *Arte de Amar*, com destaque para os prazeres da comunhão carnal. Importantes, igualmente, nesse contexto, são os nomes de Catulo, Horácio e Propércio.

Na velha Grécia, há os ingênuos idílios de Teócrito e os poemas amorosos de Alceu e de Safo, esta chamada de Décima Musa. Platão, nas páginas de *O Banquete*, refere-se frontalmente ao amor, da mesma forma que Aristófanes. E Homero, em seus grandes Cantos, mostra-nos a paixão dos heróis.

Na Mitologia, temos Vênus, ou Afrodite, sendo o próprio Zeus um grande amante das filhas ou esposas dos homens, a usar, em suas conquistas, o recurso da metamorfose, como nos casos de Leda e Danaé, entre outros.

Na Bíblia, o rei Salomão, seduzido pela beleza trigueira e sensual de Sulamita, oferta-lhe o esplendor do *Cântico dos Cânticos*.

Na Idade Média, os licenciosos contos do *Decamerão*, de Boccaccio, fazem época. E os frutos da paixão, em que Eros e Tanatos se alternam, como princípios do amor e da morte, chegam depois à arte literária de um Dante, de um Camões, de um Petrarca, de um Goethe, de um Shakespeare e de Cervantes; ou de um Flaubert, com sua *Madame de Bovary*; de um D. H. Lawrence, com *O Amante de Lady Chatterley*; de um Charles Morgan, com *Sparkenbroke*; ou de um Tolstoi, com *Guerra e Paz*, sobretudo na inesquecível figura de Natacha, sob o ribombar dos canhões de Napoleão. Mais modernamente, temos uma Marguerite

Duras, principalmente em *O Amante*; um James Joyce, em alguns contos dublinenses ou nas páginas de *Ulisses*; ou um Milan Kundera, que apresenta um amor sofrido e trágico em *A insustentável leveza do ser*. Ou, ainda, Mário Vargas Llosa com *Elogio de la Madrastra*, sua primeira grande incursão através do erótico. Mas este está também no Canto IX do “*Os Lusíadas*” e no “*Bolero*” de Ravel.

Não se esqueçam, nesse ilustre rol, e na pintura, *O Grande Nu*, de Renoir, e as telas famosas sobre *Vênus*, criadas por Rafael, Ticiano, Rubens e Corregio, em todos predominando a intenção erótica, com tratamento figurativo e cromático de magistral realização. No Louvre encontra-se a tela famosa *Vênus e Vulcano*, de Júlio Romano. E os nus de Tintoretto, tão lascivos? E as páginas de erotismo terrível do Marquês de Sade? E *Nexus*, *Sexus* e *Plexus*, do nosso contemporâneo Henry Miller? E alguns poemas de Apollinaire, Baudelaire, André Breton, Eluard, Jean Genet, Victor Hugo, *La Fontaine*, Laforgue, Malherbe, Mallarmé, Rimbaud e Verlaine, entre outros, reunidos por Marcel Béalu num livro intitulado *La Poésie Érotique de Langue Française*? Já no cinema, há uma inumerável relação de filmes eróticos, como é o caso de *Pássaros Feridos*, *Cabaret* e *La belle de jour*, sem esquecer o pornô explícito das películas de sexo como *O Império dos Sentidos*, em que a relação amorosa é desengrandecida e comprometida pela falta de bom gosto, de decoro e de grandeza, de intenções e de cenas. Alguns desses poetas parece que se inspiraram nos *Sonetti Lussuriosi* de Aretino, do século XVI, na Itália, ou em autores europeus que utilizaram o tema do *Carpe Diem*, sobretudo quanto ao aproveitamento do instante na festa dos sentidos.

Os pólos civilizacionais, segundo Michel Foucault, representados por Oriente e Ocidente, tratam o problema de forma bastante diferente, sabendo-se, como se sabe, que os orientais desenvolveram nos séculos uma ciência e uma arte de amar, enquanto os ocidentais recebiam, sobre o assunto, a poderosa influência da Igreja Católica, que só admite o sexo ou o amor erótico no casamento, tudo mais sendo pecado.

E no Brasil? A literatura erótica vem do trepidante Gregório de Matos, passando por Gonzaga e pelos poemas de Silva Alvarenga (autor de *Glaura* – poemas eróticos); ou por Júlio Ribeiro, com o polêmico romance *A Carne*; por Adolfo Caminha, na ousadia de *O Bom-Criou-*

lo; por Alencar – e não esqueçamos que Iracema, sinestesticamente, é a “virgem dos lábio de mel”; por Guimarães Rosa, em alguns contos ou em Grande Sertão: veredas; por Mário de Andrade (Macunaíma); e por Raul de Leoni, Oswald de Andrade, Vinicius de Moraes, Jorge Amado, Adalgisa Nery, Clarice Lispector e Ligia Fagundes Teles; ou pelo velho poeta Ascenso Ferreira; por Almeida Fischer, em seu recente livro Memorial de Inverno; por Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt, um – católico, o outro – bíblico; ou por poetas mais novos como José Santiago Naud, Gerardo Mello Mourão, Fernando Mendes Viana e Domingos Carvalho da Silva; pelo irreverente Dalton Trevisan – e tantos mais, sem esquecer Manuel Bandeira, ou, em Portugal, Eça e Florbela Espanca, bem assim o nome de um Pablo Neruda, no Chile, com seus Vintes Poemas de Amor e uma Canção Desesperada. Ainda recentemente, Helena Parente Cunha, no romance *As Doze Cores do Vermelho*, explora com proveito o filão erótico, engrandecido pelo poético, e Fran Martins, em *A Análise*, faz um conto que chamaríamos de sugerencial e hedonístico.

Todos leram Grande Sertão: veredas e viram, em suas páginas, a paixão de Riobaldo por Diadorim, sem saber, aquele, ser, este, u’ a mulher disfarçada de cangaceiro, o que só descobrirá no fim. E Riobaldo pensa cousas assim, num flagrante desejo homossexual: “Que vontade era de por meus dedos, de leve, de leve, nos meigos olhos dele”. Ou, em outra passagem, igualmente significativa: “As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim”. “Meu amor de prata e meu amor de ouro”. E a flamejante paixão daquele homem criado no fragor de lutas, perde-se pela noite do grande sertão, enquanto, ao longe, sibila o vento nos gerais...

Mas, estou a pensar, também, em alguns poetas do nosso parnasianismo, que ortodoxos não se revelaram, pois, ao revés do que preconizava a estética da escola, fundamentalmente apolínea, foram bastante eróticos, sem qualquer impassibilidade, desde os versos de *Après lè combat*, de Carvalho Júnior, ou *Os Seios e Esfinge*, de Teófilo Dias, na fase precursora, até o gozo triunfal e frenético, na musa de Bilac, sobretudo em *A Sesta de Nero*, *Satânia*, *Tercetos* e *In Extremis*, inesquecíveis.

Nos nossos dias, contudo, mais que em outras épocas, há que

distinguir entre erótico e pornô, este não apenas em certa literatura comprometida com o efêmero e com o equívoco, mas em revistas de grande circulação, como Playboy, Status e outras, avidamente lidas por adolescentes, com muita nudez e historietas obscenas, como, antigamente, o Papiro de Turim e o Dodekamechanon, ou o velho Almanach des adresses des demoiselles de Paris, de 1791, também chamado de Calendrier du plaisir ou a Nouvelle liste des plus jolies femmes publiques de Paris, de 1801, ou, ainda, o famoso Les demoiselles d'amour du Palais-Royal, de 1911...

Trata-se de um tipo de literatura Kitsch, ou de *pane lucrando*, mal escrita e pessimamente estruturada, em que vemos, como Henri Lefebvre, la consommation commercialisés des signes du plaisir.

O pornô constitui u'a mácula no espírito do tempo, em sua apatência satânica. É a literatura frascária, fescenina, licenciosa, libertina, apelativa, dissoluta e de mau-gosto. Ela não sugere o ato sexual. Descreve-o em seus detalhes mais íntimos e de forma grosseira, qual se fora uma espécie de gozo mental do autor na agressão ao público.

Já o erótico é sensual, de leve lascívia ou de certa volúpia amorosa, mas narrado cum *grano salis*, inteligência e bom gosto.

E o que, então, viria a ser erótico? Creio que, em termos de expectativa masculina, o fascínio das formas, o decote da blusa ou do vestido, o balanço do corpo, a graça dos quadris ou dos seios, certo jeito dos cabelos, os lábios, o olhar expectante, a voz aliciante, o charme, a meiguice, o odore di fêmmina, ou qualquer outra cousa que possa despertar, no homem, de imediato, sua condição viril.

A tentação é eterna e até os santos passaram por essa prova. David, o grande rei e poeta, autor dos Salmos, foi uma de suas vítimas históricas. E nem todo mundo pode dizer como Alphonsus de Guimaraens, o Solitário de Mariana, no soneto Santo Graal; "Se a tentação chegar há de achar-me rezando." Afinal, como está escrito na Imitação de Cristo, "Nenhum homem, enquanto viver, está livre das tentações, porque em nós mesmos está a fonte de onde promovem: a concupiscência com que nascemos." E mais adiante: "Procuram muitos fugir às tentações e nelas mais violentamente caem."

É lamentável, apenas que muitos autores, hoje como ontem, não saibam ou não queiram dar à tentação do erótico a sua real dimensão,

resvalando para o caricatural mais comprometedor e às vezes abominável. E se perdem, por falta de talento, em detalhes descritivos sobre jogos de alcova, peças íntimas e práticas anti-naturais, de forma quase relatorial ou jornalística, sem tratamento temático adequado ao romance e ao conto, como é o caso, com raríssimas exceções, da pobre ficção contemporânea do Brasil, que se delicia em mencionar relações lésbicas, ninfomania e todos os tipos de inversão sexual. E pena é que alguns desses textos estejam sendo recomendados em classe por professores que não os leram atentamente, como se já não bastasse a agressiva permissividade do cinema e da televisão, com imagens e frases indecorosa a invadir os lares. Ascendino Leite, na página de *Um Ano no Outono*, já denunciava que falta a todos esses escritores uma “nítida consciência literária” e um mínimo de sensibilidade, o que seria “um enorme vazio” nas letras do Brasil. Como não têm o talento dos grandes autores, fixam-se numa falsa literatura de exílio e de sexo, com gritantes erros gramaticais e desconhecimento da técnica de romance ou de conto, servindo-se da fácil pornografia que é um “colchão em chamas para atrair leitores obcecados em frustrações genésicas”.

O erótico não é apelativo. O pornô, sim, com sua sublitteratura de sexo explícito. O erótico traz sugerências e às vezes é figurado, ou metafísico, delicado e gentil. Já o pornô só se contenta com o escândalo, a descrição nua, a frase sórdida e suja. Um, o erótico, é literatura, às vezes da melhor que há. O outro, o pornô, é contrafacção. Não pode ser levado a sério. E quase sempre é feito para fins de faturamento, o que o torna mais condenável.

O erótico não engana, nem ilude. É direto e súbito e sempre surpreendente, em suas formas manifestativas. “Il n’est pas de mensonge en litterature érotique”- escreveu Desnos nas páginas de *La Liberté et l’Amour*, dando-nos a seguinte definição de erotismo – “Tout ce qui se rapporte à l’ammour, pour l’évoquer, le provoquer, le exprimer, le satisfaire” etc. Mas quando os gestos e as falas de amor perdem a sua aura de grandeza e universalidade e nos chegam deformados ou de forma obscena, às vezes visível, temos, então, o pornô, cuja qualidade, como obra de arte, é contestada, por sua reduzida modelagem ética e estética, ou falta de profundidade e beleza.

A diferença entre ambos é manifesta e flagrante, cabendo, talvez, na espécie, algumas subdivisões, pela maior ou menor intensidade do fenômeno e de seu embasamento cultural e sociológico, já que varia muito, de literatura para literatura. Desnecessário é lembrar que a visão do mundo moderno sobre o assunto não é a mesma das civilizações persa, grega, assírio – babilônica, romana ou provençal, mesmo com a identidade de componentes fenomênicos, universais.

O nosso Machado de Assis é erótico no sentido clássico ou acadêmico. O seu sensualismo está contido pelo decoro, por sua prosa ética e cultura humanística. Em nenhum momento, demonstra mau-gosto, ou apelação. E melhor exemplo não há do que o conto *Missa do Galo*, que nos mostra um instante de atração física, à luz de candeeiros, entre uma esposa sem o amor do marido e um jovem que aguardava, a ler, o amigo com quem iria à missa de Natal na Corte. Esse conto, aliás, tem como fundamento o núcleo de outro intitulado – *Uns Braços* – também levemente erótico, a mostrar o desejo mútuo e inconfessado de uma senhora e um rapaz de quinze anos, sem que a relação sexual se efetive. É o mesmo projeto de história, ou leit-motiv, com ênfase no controvertido tema do adultério, de longo espectro na obra machadiana, mesmo que tudo não passe de veladas intenções, com a prevalência dos aspectos psicológicos sobre os físicos, ou formais. Mas, o mesmo triângulo amoroso está presente: na *Missa do Galo*, a esposa, o marido desinteressado e um rapaz de dezoito anos; em *Uns Braços*, o casal já frio e um adolescente de quinze anos, cuja louca paixão é percebida e de certa forma saboreada por D. Severina. Mas, como diria o próprio Machado quase ao final do conto – D. Paula, de *Várias Histórias*, livro em que se acham *Uns Braços* – “não era sequer um capítulo do adultério, mas um prólogo”. Tenha-se em conta porém, que esse eterno pecado, de acordo com a Igreja Católica, pode ser cometido por pensamento, palavras e obras. Quando circunstancial, culposo; quando intencional, doloroso. E se alguém pensar – e apenas pensar – em possuir a mulher do próximo, já infringiu, - ipso facto – o Nono Mandamento, herança dos hebreus, e o problema parece ter maior embasamento moral do que jurídico, mesmo que Machado, às vezes, ria dele, como no conto *Três Tesouros Perdidos*, incluído na Antologia organizada pela Editora Aguilar.

Em *Missa do Galo*, ele conduz o leitor ao suspense e sugere um discreto desejo de adultério, fruto do sortilégio do momento, e uma atração inesperada, tudo, porém, em meios tons, com referências quase obsessivas sobre braços e pés. E há uma única célula dramática, com o autor a engrandecer o tema com grande sutileza. E recordo que Daniel Rops chamou certa vez o conto de arte do implícito. E com razão. O conto é um corte vertical na vida. A palpação de um instante. E isso ocorre em *Missa do Galo*, dentro dos modelos e hábitos da sociedade imperial, no Rio do fim do século, que são o tempo e o espaço da narrativa, sem desprezar os componentes psicológicos e a atmosfera ambígua. Manuel Bandeira considerava-o, como fundo e expressão, uma obra-prima, em opinião perfilhada por Tristão de Athayde, Massaud Moisés, Antônio Cândido, Álvaro Lins, Afrânio Coutinho, Joel Pontes e todos os estudiosos e analistas de nossa ficção.

Entendem alguns, contudo, que esse conto é a frustração do erótico, pois o autor não conduz os personagens ao coito, ou ao ato físico. Mas creio que nisso se acha a grandeza de Machado. A conjunção carnal, nesse caso, teria descaracterizado toda a atmosfera de ambigüidade e de sedução, coisa a que talvez não resistisse o arrebatamento de um Jorge Amado, que adota, em *Dona Flor* um procedimento fantástico, pondo no leito da viúva os dois maridos com a mesma intenção de posse.

Na realidade, Machado trata o sexo, ou a libido, em seus romances e contos, da primeira e da segunda fases, com um certo pejo, uma indiferente timidez, ou uma consciência de pecado, de bom – mocismo ou flagrante mal – estar, na convicção, talvez, de que a impudicícia é terreno perigoso ou areia movediça. Mas, não é um falso moralista, nem chega a ser “pudendo e donzel”, para usar uma velha expressão de Camilo Castelo Branco nas páginas de *Boêmia do Espírito*. Apenas evita temeridades, imprudências, ou atrevimentos, permanecendo à superfície, ou mostrando com leveza a alma do homem na hora em que defronta essa impetuosa correnteza sensorial. E fica fiel a si mesmo, em momentos que tais, evitando as emoções mais fortes ou arrebatadoras, mas sem falso recato ou pureza artificial. E o erótico não deixa de ter nele expressiva funcionalidade, como na *Missa do Galo*, que continua a despertar, por sua leveza, o interesse dos leitores inteligentes, já bem raros, no Brasil, onde o talento, de modo geral, escasseia, nas artes e na literatura, como

em tudo. Parece até que a amarga visão de José Veríssimo quanto à nossa Literatura ser feita de livros mortos e nomes insignificantes, começa a tomar forma profética. Restam-nos no romance, depois da gloriosa passagem dos autores de 1930, ou dos volumes da Tragédia Burguesa de Octávio de Farias, do Grande Sertão: veredas, de Rosa, ou de O Tempo e o Vento, do Érico Veríssimo, apenas Jorge Amado, Josué Montello, Antônio Calado, Adonias Filho, Lúcio Cardoso, J. J. Veiga (com o seu realismo mágico), João Clímaco Bezerra, Herberto Sales, José Cândido de Carvalho e Rachel de Queiroz, alguns já visivelmente exaustos. E depois? Os livros dos autores novos, que aí estão, não ficam em pé nas prateleiras, por sua indiscutível fraqueza conteudística e lingüística, com exceção de obras de Assis Brasil, Moacir Lopes, Fernando Sabino e poucos mais. Depois, o vazio, ou aquela velha imagem do Sr. Oswaldo Aranha na década de 30 – um deserto de homens e de idéias...

Já no conto pós-machadiano, pois o mestre é um divisor de águas, no gênero, depois de Lima Barreto e do impressionismo de Adelino Magalhães, ou do regionalismo de Afonso Arinos, Simões Lopes Neto e Monteiro Lobato, teríamos João Alphonsus, Marques Rebelo, Autran Dourado, Dalton Trevisan e os cearenses Moreira Campos, Eduardo Campos e Fran Martins, todos do Grupo Clã, além de Natércia Campos, e poucos mais.

Por isso a releitura de Machado se impõe como um imperativo de ordem cultural e de bom – gosto. E ele bem poderia ser encaixado na condição nacional de escritor – ilha, expressão com que Thibaudet contemplou o imenso talento de Joyce, criador de Ulisses. E ainda bem que temos escritores da estirpe de um Machado, cujo inteligente ângulo erótico poderemos ver, deliciados, em Missa do Galo, apesar de ocorrência, no texto, de alguns senões estilísticos, que não deslustram, contudo, o seu enorme talento. Afinal, como dizia Picasso, por falta de talento há pintores que transformam o sol numa mancha amarela. Outros, contudo, por abundância desse dom, transformam a mesma mancha amarela num sol...

Se não chega à categoria de gênio – e há poucos, no mundo inteiro – Machado é o grande mestre de nossa ficção, muito embora se haja exercitado, sem idênticas fulgurações, na poesia, na crônica, na crítica e no teatro.

Ainda hoje, é uma figura oracular, ou um símbolo, pela densidade humana e autenticidade de suas criações literárias, comprometidas apenas com sua verdade interior e visão do mundo. Por isso mesmo, ao atingir os labirintos do sensualismo, ou do erotismo, não perde a dignidade de grande escritor, ou o respeito a si mesmo e ao leitor. E vê o delicado problema, tão mal apreendido por muitos, com a serenidade e o pundonor de um sábio, para quem o sexo não é tudo, mas apenas um dos componentes fundamentais da vida, ao revés do que pensam Freud e seus epígonos. Não fora assim e o escritor não seria, como é, aquele Mensageiro da Parábola de Kafka, a levar interminavelmente ao mundo os segredos da alma e as vigílias da vida, como um passageiro solitário de seu próprio sonho, entra a dor e a alegria, o desalento e a esperança, o eterno e o efêmero, limitadores da condição humana e que refulgem, às vezes de forma incomum, na obra literária, oriunda do talento, da disciplina interior e da consciência do múnus, sem desprezar o domínio da Língua e os recursos estilísticos. Sem isso, evidentemente, o romance e o conto não seriam uma obra de arte, nem alcançariam permanência no espírito, como repositórios da aventura existencial, em que a força de Eros e dos arquétipos do Inconsciente Coletivo assumem papel preponderante no universo do homem, cheio de montanhas e abismos, de paixões e perdições, de altanarias e misérias, em que fruímos muito pouco de momentos de glória e de paz, já que não muito longe, à espreita, estão sempre os demônios e Leviatã, na forma que tomam em cada época e em cada cultura.

Mas, como escreveu o próprio Machado em *A Semana*, “tudo pede certa elevação”. E com esse desideratum jamais fez caricaturas da vida e do amor, olhando-os, através de sua lupa crítica, com ironia e grandeza, sem concessões à vulgaridade, ou ao mau – gosto. Por isso mesmo, seu erotismo não resvalou para o obsceno, sendo mais sugestão do que ação, ou mais intenção do que ato. E até nisso foi um mestre. Um exemplo de sobriedade e elegância, de contenção e decoro. E bastaria lermos a *Missã do Galo* ou *Uns Braços* para termos a exata percepção dessa qualidade em sua extraordinária ficção.

Não é sem motivo, portanto, a existência de uma machadolatria,

no Brasil, ou de um culto sempre renovado e justo à sua memória, pela excelência de sua ficção e pelas lições que deixou, na construção do romance e do conto, sem os exageros do naturalismo.

Explorando o rico filão psicológico, numa literatura vertical, ele enriqueceu a arte da narrativa, a mais antiga do mundo, indo da crítica de costumes às singularidades do caráter humano, sem se perder em jogos de detalhes inexpressivos ou aleatórios. Em sua interpretação do homem e da sociedade fez prevalecer em tudo o essencial, quer se tratasse de um episódio irônico, de uma digressão filosófica, de um momento erótico ou sentimental. E, com isso, tornou-se o grande contador de histórias do País, chegando a ser contista mesmo no romance, de que são exemplos: O Almocreve, capítulo de Memórias Póstumas de Braz Cubas e O Delírio.

Sabendo dizer, ou expor, como poucos, recriou a vida da sociedade imperial, mostrando-a sem perder de vista a universalidade do espírito humano, a um só tempo poderoso e frágil, volúvel e trágico, contraditório e belo, criador ou destruidor implacável, capaz de chegar ao abismo e à glória, em seu peregrinar através da História. E um pouco de sua saga está no grande autor brasileiro, que se projetaria como um dos maiores ficcionistas da Língua Portuguesa, a ensinar, aos que tentam hoje fazer o pornô, a legitimidade e a beleza do erótico, com sua verdade perene e profunda, sem compromissos com o circunstancial e o efêmero.